

PALESTRA DA Sra. SETSUKO MARIA HATTORI EM FEVEREIRO 2006

POR OCASIÃO DA CELEBRAÇÃO DOS 25 ANOS DA VISITA DO PAPA JOÃO PAULO II, À HIROSHIMA

A cidade de Hiroshima passou por três fases: no início era um importante centro militar; depois uma cidade Mártir e hoje, uma Cidade Farol da Paz.

Há 60 anos, Hiroshima era uma cidade florescente associada as atividades militares em paralelo com a guerra. As instalações militares representava 40% da cidade e de seu porto situado ao sul. Numerosos soldados e um importante equipamento de guerra foram enviados sobre a fronteira operacional na ocasião do conflito Chino-japonês durante os anos 30. Os primeiros sucessos militares na China e também a ocupação daquele país pelas tropas imperiais, fizeram acreditar numa vitória rápida, suscitando com sobressalto um grande fervor nacionalista no Japão. Mas, logo com a expansão da guerra pelo Pacífico, a sorte das armas mudou de campo. A batalha de Midway foi decisiva. A partir dessa virada, seguiu-se uma longa e contínua retirada das forças imperiais, levando a cruel batalha terminar no solo Nacional, na Ilha de Okinawa.

Em 1945, a maioria das grandes cidades japonesas sofriam incessantes bombardeios das Forças Aéreas Americanas, e não podíamos imaginar o porquê até então, Hiroshima ainda não havia experimentado sobre si algum ataque aéreo. Mas, tudo mudou na manhã do dia 6 de agosto de 1945, quando um bombardeador B-29 solitário, o “Enola Gay”, lançou uma única bomba: a Bomba Atômica. Depois disso, eu compreendi porque nossa cidade ainda não havia sido atingida – Hiroshima estava sendo reservada com o objetivo de testar a primeira Bomba Atômica. Mais de 200.000 pessoas foram mortas e perto de 300.000 feridos ou expostos à mortal radiação. Mais tarde, eu soube que a temperatura do epicentro (o ponto zero) atingia de 3.000 a 4.000 graus e a força da explosão foi de 300 metros por segundo. Quando se sabe que 1.500 graus é o suficiente para derreter o ferro e que é difícil ficar de pé no meio de um tufão soprando 50 metros por segundo, nós podemos imaginar o efeito devastador da explosão...Num raio de 3 quilômetros, todas as construções foram sopradas ou completamente destruídas.

Naquela época, eu era uma colegial de 14 anos. A maioria dos homens estava na fronteira para paliar a mão de obra, minhas companheiras e eu fomos convocadas para servir nas indústrias de armamentos; todos os dias em vez de frequentar a escola, nós fabricávamos munições. No dia 6 de agosto, dia da explosão, nossa usina de armamento estava fechada. Eu acabava de tomar o café da manhã bem devagar em casa que estava situada a 1,7 quilômetros do ponto zero, quando de repente percebi uma faísca (PIKKA em japonês), que durou 0,3 segundos como disseram os cientistas, mais tarde; em seguida, ouvi a pavorosa detonação BUM!!! (DON! em japonês). Rapidamente, a Bomba Atômica foi designada pela população com o nome de PIKKA DON. O intenso calor do raio naquele momento inicial, queimou instantaneamente todas as pessoas que estavam fora de casa. Logo depois do raio e da ensurdecidora explosão, nossa casa foi abalada como se fosse por um violento terremoto. Eu fui levada ao ar, depois violentamente jogada ao chão. A fumaça e a poeira que subiam do solo me cegavam e eu respirava com dificuldade. De repente, o teto foi arrasado e os pilares da casa caíram ao meu redor. Era praticamente impossível de respirar, então pensei: “Ah...eu vou morrer agora!” Mas, como nossa casa de madeira não tinha dois andares, depois de um esforço penoso, consegui me livrar

do desmoronamento. (Nota: Aqueles que moravam em casas com mais de um andar foram esmagados com o desabamento dos andares superiores e queimados com o incêndio que veio depois). Minhas roupas estavam rasgadas em pedaços, estava cobertas de sangue, por causa dos cacos de vidros que me cortaram... Ao redor, só se via desabamento e de toda a parte só se ouvia as pessoas gritando: “SOCORRO!” Quem leu o “Mangá” (história em quadrinhos) intitulado “Hadashi no Guen” (Gente com pés nus), pode imaginar o horrível espetáculo que estava diante de meus olhos. Numerosos foram aqueles que ficaram presos na engrenagem embaixo do desmoronamento de suas casas, pediam por ajuda mas impossibilitados de sair, foram queimados vivos no incêndio que veio logo depois. Aqueles que ainda viviam estavam gravemente feridos e ninguém podia levar ajuda ao vizinho. Tudo o que era possível fazer era fugir para longe. Corri junto com minha mãe até um parque vizinho que nos serviu como lugar de refúgio. Olhando todos aqueles que fugiam conosco, vi que as roupas deles também estavam rasgadas em pedaços e que os cabelos ficaram de pé na cabeça.

Após vários anos, as autoridades da cidade de Hiroshima pediram aos sobreviventes da Bomba Atômica para desenhar ou pintar sobre a horrível experiência, depois organizaram uma exposição de suas obras. Fiquei profundamente emocionada, literalmente chocada com certos desenhos e quadros que mostravam as pessoas com horríveis queimaduras, mãos inchadas e rostos totalmente desfigurados como que máscaras grotescas. Outros mostravam pessoas com a barriga arreventada segurando com as duas mãos seus intestinos para não caírem na terra; alguns tinham o olho fora de órbita. Havia um quadro que mostrava uma mãe que segurava uma criança com as orelhas arrancadas e gemendo dizia: “Oh, coitado de meu filho!”

As bolhas das queimaduras nos braços de numerosas pessoas se rebentavam e a pele se pendurava como trapo. Por causa do profundo choque a maioria das pessoas tinham perdido a capacidade de pensar e perambulavam sem parar enquanto os suas pernas aguentavam, como que para escapar de medo.

Logo os primeiros incêndios alastraram-se rapidamente pela cidade causando ainda mais a destruição. Não tinha ninguém para combater os incêndios porque todos, principalmente os bombeiros, estavam mortos ou feridos. Assim, Hiroshima tornou-se em um mar de fogo e a noite caindo na cidade parecia um imenso campo em chamas. Naquele momento, grossas e pesadas gotas de chuva preta, como de petróleo caíram sobre a cidade. As gotas eram verdadeiramente pretas! Depois os estudiosos concluíram que, um movimento ascendente de partículas de poeira e de resíduos, combinados com a umidade a uma altura de milhares de pés, tinha provocado esta estranha chuva preta e oleosa. Na fornalha em que estávamos esta chuva, ainda que preta mas fresca, foi uma graça de Deus e ficamos agradecidos porque ia apagando a grande parte do incêndio. Embora, em pleno verão, tremíamos como que estivéssemos com forte febre, por causa dessa chuva. Naquela noite, muitas pessoas dormiram ao ar livre, e infelizmente numerosos feridos que passaram a noite gemendo não viram o nascer do sol.

Na manhã seguinte, fui com minha mãe percorrer a cidade à procura de meu pai. Ignorávamos onde ele poderia estar, então perguntávamos à todos que passavam se tinham visto meu pai. Mais tarde, soubemos que no momento da explosão ele estava trabalhando perto do ponto zero e que aí morreu instantaneamente. Enquanto nós o procurávamos, eu arrastava dolorosamente uma

perna, reparei bem e vi que tinha um caquinho triangular de vidro na coxa.

Os feridos à beira da morte, quando nos viam passando ou ouviam nossas vozes suplicavam: “Água! Dá-me água, por favor!” Eles não gritavam: “Sinto mal!”, mas somente: “Tenho sede!”. Depois os gritos pararam e todos morreram. Creio que naquele momento a sede deles não era simplesmente física mas era uma profunda sede espiritual. Era aquela mesma sede que Cristo sentiu na Cruz quando gritou: “Tenho sede!”. Senti que o sofrimento deles unia ao sofrimento de Cristo que morreu por nós na cruz. Decidimos então, queimar os cadáveres. Ajuntamos galhos e folhas secas, colocamos sobre os corpos empilhados e depois molhamos com essência... um bebê tão pequenino que era vizinho de nossa casa junto com os outros corpos que eu desconhecia foram entregues à chama,... não sobrou mais que ossos calcificados. Esta cena foi repetida em toda a cidade. E, ainda hoje Hiroshima é considerada como um imenso cemitério.

Por que tanta gente pereceu na explosão atômica? Antes do ataque atômico e na previsão do possível ataque aéreo de bombas incendiárias, pensava-se abrir caminhos para as fugas e para impedir que o incêndio se alastresse. Esse trabalho foi feito por colegiais e quase todos os jovens foram empregados a derrubar as construções capaz de serem queimadas.. Mas, como não havia nada para impedir o incêndio muitas pessoas morreram. Depois, nos terrenos das construções queimadas os soldados japoneses plantaram batata doce, e os sobreviventes famintos comiam com as ramas. Após algumas semanas, as pessoas que não tinham sofrido feridas físicas e parecia em boa saúde, de repente, começaram a sofrer com sangramento no nariz, fortes diarreias, os cabelos começaram a cair... e morreram. Tudo isso era efeitos da radiação.

A bomba atômica não destruiu somente as construções, a radiação se estendeu em toda a cidade. Por exemplo, o filho de minha amiga apareceu com a doença LEUCEMIA devido a radiação. Esse menino não podia dormir e segurava sua mãe acordada a noite inteira. Um dia a mãe cansada queria obrigar o filho a dormir para que ela pudesse descansar e o menino chorando gritava: “Eu não sou responsável! Eu não quero esta doença! Devolva-me minha saúde. Quero continuar vivendo!” Cruelmente, este garoto morreu com 6 anos de idade. Naquela época, tinham moças que nos chamávamos de Virgens da Bomba, porque elas sofriam de horríveis queimaduras no rosto e viviam no sofrimento sua vida solitária. Uma dentre elas escreveu um poema intitulado “Hohoemí yô, kaeré” (Ó meu sorriso, volte!) O poema dizia entre outras: “Cruel destino que carrego nos ombros como uma cruz, vida solitária que vivo. Sorriso de moça apagada, como isso me faz falta. Quando o sorriso voltará?” Atualmente, essas mulheres dão testemunho de suas experiências e vivem como apóstolos da paz, apelando contra a Bomba Atômica.

Eu recebi o batismo na Igreja Católica quatro anos após a explosão atômica e graças às minhas orações pelos mortos e pela paz, finalmente pude recuperar a paz do meu coração. Desde o lugar daqueles que pereceram por causa dessa bomba, renovo em mim o desejo de lançar o grito de Hiroshima ao mundo inteiro: Hoje, o mundo dispõe de um arsenal nuclear com um poder de destruição equivalente a mais de um milhão de bombas atômicas do tipo daquela lançada em Hiroshima. Como testemunha sobrevivente e testemunha da Bomba-A, eu devo gritar ao mundo inteiro, que a bomba destruirá a humanidade.

O que aconteceu em Hiroshima no dia 6 de agosto? De que os homens serão culpados?

Se acontecer de novo a guerra, então será a destruição total da humanidade. A guerra destrói tudo, mas somente a paz pode reconstruir o que foi demolido. Em tempo de Guerra, a amizade se transforma em ódio, a confiança desaparece, mas consciente da nossa fraqueza e através da oração e o apoio mútuo, podemos nos ajudar a preservar a paz. É dever de cada um refletir o que é possível fazer pela paz e é necessário continuar a rezar para mantê-la. Eu quero concluir esta palestra com o canto:” A Guerra Atômica deve ser excluída para sempre.”

“Nossa pátria foi queimada
na terra calcinada nos temos enterrados os ossos de todos.
Agora, as flores brancas, aí crescem e florescem.
Mas infelizmente, duas bombas atômicas
que não devia serem lançadas,
nós devemos opôr a terceira.
Sobre nosso solo... e sobre o mundo inteiro.”

Obs.:D.Hattori é mãe do Pe. Daisuke Hattori, da Igreja de Fukuyama

Translator : Sr. Yuko Yagihashi & Sr. Motos Consola